



PREVENÇÃO E SEGURANÇA NO TRABALHO, MOBILIDADE E GÊNERO

Olívio Patrício¹

Introdução

A segurança e a saúde no trabalho, tal como a qualidade, constituem actualmente factores de competitividade em todos os sectores de actividade, ao nível público e privado.

O trabalho desempenha um papel fundamental na vida das pessoas em todo o mundo. Através do seu trabalho, mulheres e homens realizam-se e descobrem o seu papel na sociedade. No entanto, se muitos trabalhos proporcionam rendimento e satisfação pessoal, os mesmos podem também comprometer a saúde, a segurança e provocar doenças e acidentes.

As políticas de saúde e segurança, não abordam geralmente a dimensão de género: os riscos específicos para as mulheres são por vezes ignorados ou subestimados, os sectores e actividades especificamente masculinos têm definido as prioridades. O não ter em conta a questão da segurança e da saúde das mulheres no trabalho é uma barreira para a implementação de políticas eficazes para a saúde e igualdade de oportunidades. Importa salientar que elas constituem 42 % dos trabalhadores da União Europeia e em 2003 representavam 58 % dos casos de distúrbios musculo-esqueléticos reconhecidos como doenças profissionais (Guignon, 2008).

A Organização Mundial do Trabalho (OIT) estima que em cada ano cerca de 2,3 milhões de homens e mulheres são afectados por doenças e acidentes de trabalho: 360 mil são vítimas de acidentes fatais e cerca de 1,95 milhões sofrem de uma doença contraída no trabalho (BIT, 2008).

Existem diferenças substanciais nas condições de trabalho das mulheres e dos homens que se repercutem na saúde e na segurança no trabalho.

As mulheres, tal como os homens, podem-se confrontar com riscos de trabalho significativos, especialmente as mulheres migrantes, que por ignorância da língua, das normas de trabalho e de maiores exigências e menor adaptação aos postos de trabalho, correm em certas actividades riscos acrescidos de acidentes de trabalho e exposição a doenças profissionais.

Os riscos enfrentados pelos trabalhadores de sexo masculino são melhor conhecidos porque os estudos sobre segurança e a saúde no trabalho (SST) se têm interessado, particularmente, pelos trabalhos perigosos nos sectores de dominação masculina. No entanto, as mulheres representam,

¹ Professor Doutor no Instituto Superior de Agronomia - Universidade Técnica de Lisboa. opatricio@isa.utl.pt.



actualmente mais de 40 % da força de trabalho global, ou seja, 1,2 bilhões de trabalhadores de um total de 3 bilhões (BIT, 2009). A crescente participação das mulheres no mercado de trabalho está na origem de uma série de questões sobre o gênero, sobre os diferentes efeitos dos riscos profissionais em homens e mulheres em termos de exposição a substâncias perigosas ou agentes biológicos, impactos sobre a saúde reprodutiva, sobre as limitações físicas de trabalho duro, assim como, ao design ergonômico dos postos de trabalho e à duração do dia de trabalho, especialmente, se se tiver em conta as tarefas domésticas. Para além disso, os riscos de Saúde e Segurança no Trabalho que afectam os trabalhadores são tradicionalmente subestimados porque as normas de SST e os limites de exposição a substâncias perigosas estão baseadas sobre as populações masculinas (Forastieri, 2000).

A divisão da separação do trabalho em função do sexo é fonte de vários desafios na saúde e na segurança para os homens e mulheres nos locais de trabalho. Por exemplo, os homens são mais numerosos nas indústrias, na construção civil e nas minas. Enquanto que uma grande maioria das mulheres trabalham na agricultura e no sector de serviços. As mulheres são mais propensas do que os homens a trabalhos mal pagos e acedem mais dificilmente a funções de supervisão e chefia, verificando-se grandes problemas de discriminação no trabalho.

Uma proporção importante de mulheres também se encontra na economia informal, onde são confrontadas com condições de trabalho insalubres e perigosas, baixos rendimentos, insegurança no trabalho e falta de acesso à informação, aos mercados, ao financiamento, à formação e às novas tecnologias.

Ao longo dos últimos anos, a ênfase em questões de gênero em SST veio contribuir para a protecção das mulheres e para a promoção da igualdade de direitos e oportunidades entre todos os trabalhadores, homens ou mulheres. O objectivo é tornar os locais de trabalho mais seguros para todos os trabalhadores, independentemente de ser homem ou mulher.

Actualmente, acentua-se a adaptação e a eliminação de riscos no local de trabalho, em vez da exclusão de mulheres em profissões perigosas. Esta nova abordagem implica a revisão ou a substituição de certas normas relacionadas com a SST, tais como as relativas ao trabalho nocturno entre outras.

Segurança e Saúde no Trabalho de Homens e Mulheres

À medida que as mulheres e os homens têm assumido responsabilidades mais igualitárias no lar e na sociedade cada vez mais mulheres acedem ao mercado de trabalho. Elas podem ocupar um



cargo remunerado e continuar o seu trabalho não remunerado em assegurar apoio às suas famílias e em garantir as tarefas domésticas. Ao adicionar estas duas ocupações, muitas mulheres têm dias mais longos que os homens e duplas tarefas. Os perigos e os riscos específicos que as mulheres enfrentam também estão relacionados com as condições de trabalho dos sectores económicos em que operam (OMS, 2006).

O sector agrícola é um importante fornecedor de emprego para as mulheres como para os homens na União Europeia. A agricultura é o quinto maior empregador dos homens na União Europeia, com 5 % da força de trabalho total, e o sétimo maior empregador de mulheres com 3 % de ocupação da força de trabalho feminina. Na Grécia e em Portugal, a agricultura ainda é o principal sector de emprego para as mulheres. Muitas mulheres também participam como esposas ou companheiras de agricultores. O trabalho temporário, casual ou sazonal, por exemplo, durante as épocas de colheita, é uma característica definidora do trabalho das mulheres nesta área.

O sector agrícola é um sector com especificidades muito próprias. Na agricultura existe uma enorme diversidade de tarefas a executar, geralmente ao ar livre, o que submete os trabalhadores a condições ambientais variáveis e muitas vezes adversas: temperaturas extremas, chuva, neve, etc. Uma grande parte dos agricultores tem um défice de cultura e hábitos de segurança. Este défice resulta da falta de formação quer dos agricultores quer dos trabalhadores. Esta situação conduz a que certos trabalhos sejam executados por vezes com negligência e inconsciência dos riscos, não só por parte de quem executa os trabalhos mas também por parte de quem os manda executar. A situação agrava-se quando os trabalhos são executados com tractores e outras máquinas agrícolas, algumas delas desprovidas de equipamentos de protecção, ou com estes equipamentos inoperacionais, e ainda por vezes os operadores são trabalhadores eventuais, sem formação adequada, por vezes com poucos conhecimentos da língua em que são dadas as instruções.

Tradicionalmente, uma exploração agrícola europeia é uma empresa familiar, muitas vezes explorada por um casal, a esposa ajudando o marido em muitas tarefas diárias. Entre os trabalhadores na agricultura familiar na Europa, 38 % são mulheres. As mulheres estão concentradas nas tarefas básicas do sector agrícola. As mulheres agricultoras são geralmente mais velhas e receberam formação na área agrícola de nível mais baixo do que os homens.

As mulheres que trabalham na agricultura podem ser expostas aos mesmos perigos e riscos que os homens mas, ainda enfrentam riscos acrescidos, nomeadamente em termos de saúde reprodutiva (por exemplo, resultante de pesticidas e agentes biológicos). Além disso, as mulheres podem sofrer maiores riscos de doenças que afetam o pescoço e membros superiores.



A exposição a pesticidas e outros produtos perigosos são um dos principais perigos no local de trabalho. O envenenamento pode causar a doença ou a morte. Outros perigos são inerentes ao contacto com animais, plantas perigosas e agentes biológicos que podem causar alergias, distúrbios respiratórios, infecções e doenças parasitárias.

A perda de audição devido ao ruído, lesões músculo-esqueléticas, tais como lesões por esforços repetitivos e dor nas costas, stresse e distúrbios psicológicos também são comuns. A situação é particularmente evidente para mulheres nos países em desenvolvimento, onde a educação e a formação em sistemas de segurança (incluindo a utilização de Equipamentos de Proteção Individual) e a percepção do risco é insuficiente para prevenir acidentes.

Muitas mulheres, por vezes, como trabalhadoras não qualificadas, trabalham em estufas, onde o risco de exposição a pesticidas e outros produtos químicos perigosos é maior. Para as mulheres grávidas, tais exposições pode ter consequências na saúde a longo prazo para si e para os seus futuros filhos.

Esta situação juntamente com o acesso inadequado aos serviços de saúde nas zonas rurais, faz com que os acidentes possam ter consequências permanentes.

Para as trabalhadoras grávidas no sector agrícola, o trabalho árduo pode aumentar consideravelmente o número de nados mortos ou de morte prematura da criança ou da mãe. Alguns estudos têm demonstrado que a carga de trabalho tradicionalmente considerados "femininos", como a colheita e a distribuição, pode ser maior que a dos homens já que eles são ajudados por sistemas mecânicos ou eléctricos.

Muitas vezes as mulheres levam os seus filhos com eles para os campos e, assim, expõem-nos aos riscos profissionais idênticos.

Nos países de fracos rendimentos, a maioria das mulheres têm tarefas físicas extremamente pesadas, muitas vezes com cargas acima de 350 N na cabeça e nas costas e percorrendo distâncias consideráveis. Em média, as mulheres gastam três horas por dia carregando água e combustível necessário para o lar (OMS, 2006).

Os homens mais do que as mulheres ocupam um trabalho que os expõe a acidentes e são mais susceptíveis de serem envolvidos em acidentes mortais no exercício do seu trabalho. Os homens, também têm tendência a ser os mais expostos aos riscos causados pelos materiais cancerígenos ou substâncias que podem causar doenças vasculares ou respiratórias. As investigações evidenciam, também que os homens são menos propensos a adoptar medidas de prevenção e protecção no trabalho que as mulheres (BIT, 2005).



Vários sectores da indústria dominada por homens têm preocupações específicas em Higiene e Segurança no Trabalho, por exemplo, ao nível florestal, siderurgia, metalurgia, no sector dos transportes (rodoviários, marítimos e aéreos), cada um tendo os seus próprios perigos e exigindo medidas apropriadas ao nível da saúde e segurança.

Segundo as estimativas da OIT, cerca de 170.000 trabalhadores agrícolas morrem anualmente. As taxas de mortalidade mantiveram-se constantemente elevadas ao longo das últimas décadas (BIT, 2008). Embora a agricultura empregue mulheres e homens, os tractores e outras máquinas agrícolas são geralmente conduzidas por homens, sendo responsáveis pelas altas taxas de acidentes com ferimentos e mortes.

A previsão dos riscos de acidentes de trabalho com uma máquina exige conhecimentos técnicos inerentes à própria máquina e esses conhecimentos normalmente são da responsabilidade dos profissionais de engenharia. A parte mais complexa diz respeito não apenas à interação da máquina com o operador, o que já em si é uma tarefa complexa, mas ainda devido à complexidade do próprio operador. Se a isto tivermos em conta as questões inerentes ao género, o problema torna-se muito complexo e exige a conjugação de esforços entre especialistas de diferentes áreas.

O trabalho no sector de construção é um dos mais perigosos, mas as causas dos acidentes são bem conhecidas e a maioria deles pode ser evitada. Embora o número total de acidentes e doenças no sector da construção seja difícil de quantificar devido ao grande número de trabalhadores temporários, a OIT estima que houve 60 mil mortos neste ramo da indústria em 2003 (BIT, 2005).

Dados de alguns países industrializados mostram que os trabalhadores da construção estão três a quatro vezes mais propensos do que os outros trabalhadores a morrer em acidentes. Muitos outros sofrem de doenças profissionais causadas pela exposição prolongada a substâncias perigosas como o amianto.

Nos países em desenvolvimento, os riscos na construção são ainda maiores. Os dados disponíveis apontam que os acidentes são 3 a 6 vezes maiores nesses países do que nos países desenvolvidos, onde muitas medidas preventivas são implementadas e onde a responsabilidade das empresas é cada vez maior e exigente em caso de acidentes.

O sector das minas é o mais perigoso e é predominantemente do sexo masculino. Apesar dos esforços consideráveis em muitos países, o número de mortes, feridos e doentes entre os mineiros no mundo comprova que este sector continua a ser extremamente perigoso, nomeadamente ao nível das doenças pulmonares associadas às minas e às suas indústrias de transformação provenientes da



exposição ao amianto, carvão etc., e constituem uma fonte de preocupação, tanto nos países desenvolvidos como nos países em desenvolvimento.

O amianto é responsável por cerca de 100.000 mortes por ano, este número continuando a crescer cada ano. Um número crescente de trabalhadores nos Estados Unidos, Canadá, Reino Unido, Alemanha e outros países industrializados ainda sofrem as consequências da exposição a poeiras de amianto (ICSW, 2007).

Em conclusão, embora a promoção da SST tenha sido melhorada nas últimas décadas, o número de mortes, ferimentos e de doenças ocupacionais é ainda inaceitável e o seu impacto é enorme sobre os homens, as mulheres e as suas famílias. As economias também são prejudicadas: os custos de acidentes e doenças é estimado em 4% do PIB mundial (BIT, 2008).

Uma resposta eficaz aos desafios da SST numa economia global em rápida evolução exige mais atenção a nível nacional e internacional. Em tempos de crise financeira e económica global a situação pode mesmos agravar-se. A ansiedade crescente sobre os possíveis efeitos adversos sobre a desaceleração da economia mundial em sectores específicos, pode colocar em risco a segurança e a saúde de milhões de trabalhadores.

É necessário integrar a dimensão do género na avaliação dos riscos e na prevenção no local de trabalho, estando desde já a dimensão do género na prevenção dos riscos consagrada como objectivo na legislação comunitária. Existem questões chave a ter em conta, como a identificação dos perigos, a avaliação dos riscos e a implementação de soluções.

São necessários esforços continuados para melhorar as condições de trabalho das mulheres e dos homens. No entanto, a adopção de uma abordagem de género "sexista" na avaliação e prevenção de riscos pode resultar numa subestimação e / ou não levar em conta os riscos para os trabalhadores em geral.

Há necessidade de interligar a segurança e a saúde no trabalho em todas as acções de promoção da igualdade no local de trabalho, incluindo nos planos de formação e incentivar um maior número de mulheres a participar nas comissões de segurança

É necessário a promoção de códigos de práticas da OIT, com recomendações específicas para todos os responsáveis pela SST no sector público e no sector privado. Os Códigos de Boas Práticas não são instrumentos de uma obrigação legal e não se destinam a substituir as disposições legislativas ou regulamentos nacionais. Eles servem como guias práticos para as autoridades públicas e de serviços, empregadores e trabalhadores interessados, para os órgãos de protecção e prevenção, especialistas, empresas e comissões de segurança e saúde.



São necessárias medidas dirigidas aos trabalhadores individualmente, através da educação e da formação das questões de SST. O trabalho deve ser adaptado às características e capacidades dos trabalhadores - homens e mulheres - de acordo com a sua saúde física e mental e aptidões. É necessário, graças a tecnologias adequadas, reduzir, por exemplo, a carga de trabalho, transferir trabalhadores para outra gama de produtos mais adaptados às suas necessidades; adaptar medidas especiais no desempenho de tarefas físicas durante e após a gravidez.

É importante aumentar a participação das mulheres na tomada de decisões em matéria de SST em todos os níveis. As mulheres representam ainda uma minoria em órgãos de decisão em matéria de SST. As suas opiniões, as suas experiências, os seus conhecimentos e capacidades devem ser tidas em conta na formulação e implementação de estratégias promoção da saúde no local de trabalho e nas políticas nacionais.

A saúde e segurança no trabalho é um assunto de todos e uma área multi/interdisciplinar onde devem convergir as competências de diferentes áreas das engenharias, do direito, das ciências da saúde e das ciências sociais.

A prevenção e a segurança no trabalho deverá ser preocupação de todos os cidadãos, estudantes, funcionários, professores, operários, economistas, gestores, sociólogos, psicólogos, autarcas, políticos, entre outros. Todos se devem implicar directa ou indirectamente e fazer tudo o que estiver ao seu alcance, para garantir condições de trabalho e de formação e prevenir acidentes que podem ser devastadores para os homens, para as mulheres, para as famílias e para o ambiente, enfim, para o nosso mundo que é a casa de todos nós.

Bibliografia

Bureau International du Travail (BIT). *World Day for Safety and Health at Work 2005: A Background Paper*, InFocus Programme on SafeWork (Genève), 2005, p. 7.

Bureau International du Travail (BIT). *Beyond deaths and injuries: The ILO's role in promoting safe and healthy jobs*, Rapport à examiner lors du XVIIIe Congrès mondial sur la sécurité et la santé au travail, Séoul, Corée, juin 2008, p. 1.

Bureau International du Travail (BIT). *Tendances mondiales de l'emploi des femmes*, mars 2009, p. 10.

Forastieri, V. *Information Note on Women Workers and Gender Issues on Occupational Safety and Health*. Geneva, ILO, SafeWork, 2000, p 2.

Guignon, N. *Risques professionnels: les femmes sont-elles à l'abri ? Dares*, Ministère du Travail, des Relations Sociales et de la Solidarité. France, 2008.



International Council on Social Welfare (ICSW). *Promoting full employment and decent work for all*. 45^e session de la Commission des Nations Unies pour le Développement Social, New York, 7 – 16 février 2007, p. 8.

Organisation Mondiale de la Santé (OMS), *Gender equality, work and health: A review of the evidence*. Genève, 2006, p. 16.